
REAVIVAR O ESPÍRITO PROFÉTICO

Oxalá todo o povo de Javé fosse profeta e recebesse o espírito de Javé! (Nm 11, 29)

É comum afirmar que a vida consagrada se encontra num **momento de crise**, de mudança profunda. Como não haveria de estar em crise, quando tudo ao seu redor também o está? Temos o privilégio de viver no meio de uma **mudança de época**, e isso afeta, em maior ou menor grau, a todo o mundo.

Apesar do momento conturbado, cremos, inspirados por Maria, na constante e profunda **ação do Espírito Santo** na história, que está impulsionando uma sociedade alternativa, mais justa e fraterna, e isso nos enche de esperança. O Espírito está renovando a sua Igreja, chamada a ser fermento desta nova sociedade, e para isso convida a cada um de nós a entrar nessa corrente de renovação, como o fez, há 200 anos, com os primeiros maristas. Chama-nos a *um novo começo*.

Nessa tarefa de *aggiornamento* estivemos nos últimos 50 anos, desde o Capítulo Geral de 1967, chamado justamente *de renovação*. Creio que nossa experiência durante este tempo, como a da maior parte da vida consagrada, foi muito parecida à do **exílio bíblico**, de maneira que agora nos encontramos no que foi chamado **um espaço intermédio**

Deixamos atrás a terra que habitávamos há 50 anos, porém ainda não chegamos à nova terra; estamos como exilados, num espaço intermediário. A vida religiosa, tal como era conhecida no passado, está desaparecendo, mas as novas formas de vida religiosa não acabam de nascer. Trata-se de um lugar que convida à criatividade, mas onde também se experimentam frequentemente a desorientação e a impressão de fracasso.

Durante o exílio, o Povo de Deus viveu uma profunda experiência de perda, de vulnerabilidade e, inclusive, de abandono. Porém justamente nesse contexto, Deus criou um pequeno grupo chamado a exercer o **papel profético** de articular a esperança. Não será esse mesmo papel profético que se pede hoje à vida consagrada, que vive também em situação de exílio com o resto do Povo de Deus? O Papa Francisco convidou repetidamente os religiosos e as religiosas a serem **radicais na profecia** e a **despertar o mundo**.

É um chamado urgente, porque a impressão de muitos no seio da Igreja é como a que viveu o Povo de Israel em algum momento de sua história: *Já não vemos sinais milagrosos; não há mais profetas, e nenhum de nós sabe até quando isso continuará* (Sl 74,9). Ou talvez seja como a do Rabbi Aquiba, que *chorava porque o espírito profético havia desaparecido*. Será verdade que *os profetas adormeceram*, como se afirma no Apocalipse siríaco de Baruc?

Os carismas prolongam na história a função dos profetas bíblicos. São dons para o bem comum, que têm a capacidade de recordar o valor da gratuidade, da justiça, da verdade. Os fundadores de Institutos religiosos, dentre os quais Champagnat, costumam ser pessoas muito criativas e inovadoras, que põem em marcha instituições para dar forma ao carisma e servir à missão recebida. Assim, com o passar do tempo, pouco a pouco, se geram estruturas com essa finalidade, e nascem obras e organizações robustas, frequentemente ágeis e eficientes.

Os problemas vêm quando essas mesmas instituições, que nasceram do carisma para mantê-lo vivo e estarem a seu serviço, acabam por converter-se na finalidade última do movimento carismático. Assim no-lo recorda o Papa Francisco: *O carisma permanece, é forte, a obra passa. Às vezes se confundem Instituto e obra. O Instituto é criativo, busca sempre caminhos novos* (Diálogo com a USG, nov. 2013).

Chega um momento em que se confunde o núcleo da inspiração original com a forma organizativa e histórica que assumiu, e não se compreende que a salvação dessa inspiração original consiste em *mudar as formas para permanecer fiéis às origens*. Ainda que possa parecer uma contradição, falta **uma grande criatividade** para ser fiéis aos que nos precederam; é a **fidelidade criativa** de que fala *Vita Consecrata* (37): *Os Institutos são convidados a repropor corajosamente o espírito de iniciativa, a criatividade e a santidade dos fundadores e fundadoras, como resposta aos sinais dos tempos visíveis no mundo de hoje*.

Para mim é muito sugestiva a expressão **destruição criadora**, cunhada pelo economista Joseph Schumpeter. Creio que é preciso ter a valentia de **repensar, renovar** e também **desmantelar** as formas organizativas que temos criado, para gozar da liberdade de pôr-se a caminho para novas terras. Do contrário, poderá ocorrer que a força profética do carisma se atenuar, até chegar a sofrer uma *mutação genética*.

Sinto que, para nós, depois de 200 anos de história, há um profundo e urgente chamado a **reavivar o espírito profético**: *Oxalá todo o povo de Javé fosse profeta e recebesse e espírito de Javé!* (Nm 11, 29). Não é disso que falamos quando dizemos *um novo começo* ou *um novo La Valla*?

Conscientes de que *normalmente são as minorias criativas que determinam o futuro* (Bento XVI, 2009), necessitamos de um florescimento de pessoas e de comunidades que, com grande criatividade, criem as condições necessárias para reviver o milagre das origens: o mesmo entusiasmo, a mesma alegria, os mesmos frutos. Teremos que colocar as pessoas mais criativas nas periferias, que são os lugares mais adequados para renascer, em vez de ocupá-las em manter as estruturas de sempre, e concentradas para o interior de nossas organizações.

O carisma não uma garrafa de água destilada. É preciso vivê-lo com energia, relendo-o também culturalmente. Mas aí se corre o risco de errar. É arriscado. Sem dúvida. Sem dúvida: cometeremos sempre erros, não há dúvida. Mas isso não nos deve frear, porque há o risco de cometer erros maiores. Sempre devemos pedir perdão e olhar com muita vergonha para os insucessos apostólicos que causamos pela falta de coragem. (Papa Francisco, idem)

Em qualquer caso, faltará o empenho e o compromisso de todos, começando pelos líderes do Instituto, para reviver a experiência que Jesus propõe a Nicodemos: *É preciso nascer de novo* (Jo 3,7), embora se tenha um corpo de 200 anos de idade. Trata-se de cada um de nós se converter em *célula estaminal*, capaz, inclusive, de regenerar completamente o organismo.

Recordemos de novo as palavras do Papa Francisco: *Despertar o mundo! Sejam testemunho de um modo distinto de fazer, de atuar, de viver! É possível viver de um modo diferente neste mundo... Os religiosos seguem o Senhor de maneira especial, de modo profético. Eu espero de vocês este testemunho. Os religiosos devem ser homens e mulheres capazes de despertar o mundo*. E o Papa acrescenta: a prioridade da vida

consagrada deve ser *a profecia do Reino, que não é negociável. A ênfase deverá cair sobre os profetas, e não em brincar de sê-los...* (Papa Francisco, *idem*)

Sim, como Maristas, não estamos chamados primeiramente a ser construtores e mantenedores de instituições, mas pioneiros e gente audaz, profetas de maneiras alternativas de criar comunidades e comunhão no meio da gente; *terapia de shock* para os sistemas econômicos e políticos, e também para as instituições eclesiais.

No documento *Fazemos o caminho juntos (Informe do Ir. Superior-Geral e seu Conselho ao XXII Capítulo Geral)* resumimos nossa visão do Instituto no momento presente, e oferecemos nossas reflexões e, inclusive, sugerimos algumas orientações de futuro. Não vou repetir o que já está dito nesse informe que, naturalmente, faço meu, mas sublinharei alguns aspectos que, em minha opinião, podem nos ajudar a criar **um novo La Valla**, isto é, **reavivar o espírito profético**.

Um Instituto em saída

Eu me perguntava recentemente que aprendizados levo comigo no final destes 16 anos em Roma. O primeiro que me veio à mente é a experiência de que cada vez que alguém é capaz de **sair de sua zona de conforto** e comprometer-se num caminho inexplorado, então começam a ocorrer coisas maravilhosas, inesperadas, surpreendentes.

Creio que isso também é válido em nível institucional, como corpo coletivo. Na medida em que coletivamente somos capazes de abandonar nossa zona de conforto e explorar novos caminhos, nessa mesma medida sentimos crescer a esperança, a vitalidade, o entusiasmo.

Não é uma boa demonstração disso o enorme entusiasmo que se produziu na Igreja, quando o Papa Francisco pôs o enfoque numa Igreja *em saída*, mais que na manutenção da instituição?

É uma mensagem importante para os que temos responsabilidades de governo na vida religiosa, e todos sabemos que um Capítulo Geral é a suprema autoridade extraordinária do Instituto nas funções que lhe competem. Se gastamos mais energias em manter o que existe do que em ajudar a nascer a novidade do Espírito, não nos estranhemos os resultados um pouco desalentadores. *Se queres resultados diferentes, não faças sempre a mesma coisa*, dizia Einstein.

Mas é também uma chamada dirigida a todos os maristas. Para sair da própria zona de conforto nem sempre precisa ir a uma missão de *frontera*, a outro país. Porque as *periferias geográficas e existenciais* podem encontrar-se na obra em que estás trabalhando ou a um quilômetro dela. O convite a deixar a zona de conforto forma parte de nosso DNA, embora, às vezes, nos acomodemos e peçamos aos gritos que nos deixem em paz. Mas sabemos que o que está em jogo é **nossa vitalidade, nosso futuro**.

Dizia no início do Capítulo que *nossa principal tarefa durante estas semanas, portanto, não é a de produzir belos documentos, mas tratar de responder às perguntas que realmente importam, com um coração compassivo, como o de Champagnat: Onde a Igreja mais precisa de nós neste início do século XXI? Em que lugares do mundo as crianças e jovens estão em situação de maior vulnerabilidade, e de que maneira queremos servi-los, como corpo global?...*

No informe do Conselho, podem encontrar algumas reflexões sobre o tema. Permitam-me agora que sublinhe duas coisas.

Crianças e jovens deslocados

O país em que nos encontramos, Colômbia, é o segundo país do mundo em número de pessoas deslocadas internamente, depois da Síria, que ocupa o primeiro lugar. Entre as pessoas deslocadas na Colômbia, mais de dois milhões são crianças.

Em nível mundial, em junho deste ano, a UNHCR informava que havia 65,6 milhões de pessoas forçadas a deslocar-se de seus lugares de origem. Trata-se de 22,5 milhões de refugiados; 40,3 milhões de pessoas deslocadas internamente, e 2,8 milhões com solicitações de asilo em andamento.

Se essas pessoas fossem concentradas num só lugar do mundo, formariam o 21º país mais habitado do mundo, com uma população semelhante à da França e maior que a da Itália ou Grã-Bretanha, por exemplo. Pois bem, se esse grupo humano continuasse crescendo no ritmo destes últimos anos, em 2030 se converteria no 5º país del mundo em população.

Um dado para nós muito relevante é que **a metade das pessoas deslocadas no mundo tem menos de 18 anos.**

Estamos falando, portanto, de um fenômeno de enormes dimensões, que não creio que possa deixar-nos indiferentes. Como dizia o Papa em sua Mensagem para a Jornada do Emigrante e do Refugiado deste ano, *não é um fenômeno limitado a algumas zonas do planeta, mas que afeta a todos os continentes e está adquirindo cada vez mais a dimensão de uma dramática questão mundial.* Trata-se de um *sinal dos tempos* que nos interpela fortemente.

O tema que o Papa escolheu para essa Jornada foi justamente ***Emigrantes menores de idade, vulneráveis e sem voz***, porque *são principalmente as crianças que mais sofrem as graves consequências da emigração, quase sempre causada pela violência, miséria e condições ambientais... As crianças formam o grupo mais vulnerável entre os emigrantes porque... não têm voz; a precariedade as priva de documentos, ocultando-as aos olhos do mundo; a ausência de adultos que as acompanhe impede que sua voz se levante e seja escutada. Desse modo, as crianças emigrantes acabam facilmente na mais baixa degradação humana, em que a ilegalidade e a violência queiman num instante o futuro de muitos inocentes, porque a rede dos abusos de menores se torna difícil de romper.*

Impressionou-me recentemente uma fotografia publicada na imprensa italiana, em que um grupo de imigrantes vindos do Norte da África tinha nas mãos um cartaz em que estava escrito: *Scusate se non siamo affogati* (Desculpem se não nos afogamos). Essa é seguramente a percepção que muitos deles têm: que estorvam porque vêm sacudir nossa comodidade e indiferença.

Certamente conhecem o poema com que Primo Levi começa seu livro *É isto um homem?* em que narra sua própria experiência no campo de extermínio de Auschwitz. Provavelmente nos fará bem relê-lo à luz dos dados partilhados:

*Vocês que vivem seguros
em suas cálidas casas,*

*vocês que, voltando à noite,
encontram comida quente e rostos amigos,
pensem bem se isto é um homem
que trabalha no meio do barro,
que não conhece paz,
que luta por um pedaço de pão,
que morre por um sim ou por um não.
Pensem bem se isto é uma mulher,
sem cabelos e sem nome,
sem mais força para lembrar,
vazios os olhos, frio o ventre,
como um sapo no inverno.*

*Pensem que isto aconteceu:
eu lhes mando estas palavras.
Gravem-nas em seus corações,
estando em casa, andando na rua,
ao deitar, ao levantar;
repitam-nas a seus filhos.*

*Ou, senão, desmorone-se a sua casa,
a doença os torne inválidos,
os seus filhos virem o rosto para não vê-los.*

Como Maristas, já estamos comprometidos em atender os menores migrantes, como apareceu numa recente publicação de FMSI: *Direitos sem fronteiras. Iniciativas Maristas de atenção a pessoas Migrantes e Refugiadas*, na qual se recolhem 14 iniciativas realizadas em 11 países diferentes. Sei que, de fato, há muito mais, e por isso temos que nos alegrar.

A pergunta que, acredito, nos cabe fazer hoje, como Capítulo, é se, além das diversas iniciativas pontuais, existe **algo que podemos e devemos fazer como corpo global** para dar uma resposta a esta emergente situação em nosso mundo, seja sozinhos ou com outras instituições?

O cuidado de nossa casa comum

A Terra é um planeta pequeno, velho, com 4,44 mil milhões de anos de idade. Há 3,8 mil millones de anos surgiu nele todo tipo de vida e, há uns 7 milhões, surgiu um ser consciente e inteligente, altamente ativo e ameaçador: o ser humano. O preocupante é que a Terra **já não tem reservas suficientes** em sua despensa para proporcionar alimentos e água a seus habitantes. Sua biocapacidade vai enfraquecendo dia a dia.

Faz uns anos foi criado o *Dia Mundial da Superação Ecológica* pela Rede Mundial da Pegada. Esse dia, que varia cada ano, assinala o momento em que a demanda humana de recursos naturais excede a capacidade que a terra tem de regenerá-los dentro de um ano inteiro. Esse dia passou do final de setembro do ano 2000, para 2 de agosto no presente ano. É a data mais antecipada desde que o mundo começou a experimentar este fenômeno no início da década 70. Em outras palavras, a humanidade está

atualmente utilizando recursos 1.7 vezes mais rápidos que os ecossistemas podem regenerar. Isso equivale a dizer que estamos usando 1.7 planetas.

Por outra parte, se, hipoteticamente, quiséssemos universalizar o tipo de consumo que os países opulentos desfrutam, seriam necessários 5 planetas iguais ao que temos, o que é absolutamente impossível, além de irracional.

Diante desta ofensiva humana contra a mãe Terra que muitos cientistas denunciaram, o Papa lamenta, em sua Encíclica *Laudato Si'*, a fraqueza dos poderes deste mundo que, enganados, *pensam que tudo pode continuar como está*, como coartados para *manter seus vícios autodestructivos* (59) com *um comportamento que parece suicida* (55).

Como superar essa rota perigosa? O Papa responde: *com uma mudança de rumo. Nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos dois últimos séculos... Estas situações provocam gemidos da irmã Terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que **reclama de nós outro rumo*** (53).

Essa mudança tem muito a ver com a disposição de *delinear grandes percursos de diálogo que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição em que estamos afundando* (163). Se nada fizermos, poderemos ir ao encontro do pior. Mas o Papa confia na capacidade criativa dos seres humanos que juntos poderão formular o grande ideal: *um único mundo em um projeto comum* (164).

O desafio urgente, então, consiste em *proteger a nossa casa comum* (13); e para isso necessitamos, citando o Papa João Pablo II: ***de uma conversão ecológica global*** (5); ***uma cultura do cuidado*** que permeie toda a sociedade (231).

Em preciosa sintonia com o slogan de nosso bicentenário, o Papa afirma em sua Encíclica: *A Carta da Terra convida-nos, a todos, deixando para trás uma etapa de autodestruição, a **começar de novo**, mas ainda não desenvolvemos uma consciência universal que torne isso possível. Por isso, atrevo-me a propor de novo aquele considerável desafio: “Como nunca antes na história, o destino comum obriga-nos a procurar **um novo começo** [...] Que o nosso seja um tempo que se recorde pelo despertar de uma nova reverência perante a vida, pela firme resolução de alcançar a sustentabilidade, pela intensificação da luta em prol da justiça e da paz e pela jubilosa celebração da vida”* (207).

De que maneira podemos contribuir para esse *novo começo* da humanidade? O Papa termina sua Encíclica com o capítulo sexto: *Educação e espiritualidade ecológica*. Nele, desafia a educação no sentido de criar uma *cidadania ecológica* (211) e um *novo estilo de vida*, assentado sobre *o cuidado; a compaixão; a sobriedade compartilhada; a aliança entre a humanidade e o ambiente*, pois ambos estão intimamente ligados; *a corresponsabilidade* por tudo o que existe e vive, e por nosso destino comum (203-208).

Em resposta a esse convite do Papa, algumas de nossas províncias deste continente americano começaram a aplicar os princípios da **permacultura** para conseguir uma educação verdadeiramente integral. A *permacultura* é um sistema de planejamento para a criação de ambientes humanos sustentáveis e produtivos, inspirados na natureza, para um futuro em descenso energético, e se baseia em três princípios éticos: cuidado da terra, cuidado da gente e partilha dos recursos.

Os princípios da *permacultura* estão inspirados na sabedoria de muitos povos indígenas, que usam conceitos como o *bem viver*, *viver bem* ou *vida em plenitude*, e que, mais que uma filosofia da vida, são uma metáfora de um mundo em harmonia com o Todo.

A realidade de nosso planeta requer, inevitavelmente, **ações urgentes**. Não podemos continuar como sempre, como se não houvesse nada. Que significará para nós esse *novo começo* marcado por uma *conversão ecológica global*? Como vamos contribuir para *proteger a nossa casa comum*? Como viver e difundir uma nova cultura, uma *cultura do cuidado*? Como vamos promover uma *cidadania ecológica* e um *novo estilo de vida*?...

Creio que é importante um compromisso coletivo neste tema tão vital. Recordemos que *viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa*. (LS 217)

Proteção de menores

Sabemos que o abuso sexual de menores – uma terrível forma de violência contra a infância e adolescência –, é uma enorme praga social. Apesar de constituir um problema crescente no mundo, na maioria dos casos não são detectados nem denunciados.

Segundo dados em nível mundial da Organização Mundial da Saúde (setembro de 2016), 1 de cada 5 mulheres e 1 de cada 13 varões declararam ter sofrido abusos sexuais durante sua infância. No mesmo sentido, o *Estudo Global*, elaborado pela UNICEF no ano de 2014, estima que mais de 1 de cada 10 meninas sofreram abuso sexual em sua infância.

Dadas as dificuldades existentes em muitos países do mundo para detectar e denunciar esses casos de abuso, me parecem muito mais próximos da realidade os dados oferecidos por uma organização privada, chamada *One in Four*, fundada no Reino Unido em 1999, e atualmente presente também na Irlanda. Segundo essa organização, *a evidência mostra que até um de cada quatro adultos sofreu alguma forma de abuso sexual antes da idade de 18 anos*. São cifras da Europa (o Conselho da Europa lançou recentemente uma campanha intitulada *One in Five*), mas sabemos que podem extrapolar-se, com maior ou menor extensão, a todos os continentes.

Hoje, como instituição, estamos tratando de ser, de alguma maneira, parte da solução deste ingente problema social, de magnitudes enormes. Mas temos que reconhecer, com grande pesar, que no passado fomos parte do problema e que podemos continuar a sê-lo, a menos que nos comprometamos seriamente, tanto na prevenção como na luta por sua erradicação em nossas sociedades.

Uma instituição como a nossa, que devia ter protegido os menores de qualquer forma de abuso, falhou de maneira evidente. Talvez possamos encontrar explicações que ajudem a entender como pôde haver situações de abuso sexual em algumas de nossas instituições. Mas nenhuma dessas explicações servirá como justificação, porque **jamais deveriam ter acontecido**.

A existência de vítimas é uma recordação permanente de que falhamos como instituição. E se assim foi no passado, **não podemos falhar de novo**, sob quaisquer circunstâncias.

Todos nós recebemos uma herança maravilhosa de 200 anos de história, cheia de luzes, mas também com suas sombras. Sobre essa herança nos comprometemos a construir o futuro. Com efeito, nos encontramos com maravilhosos exemplos de excelência em educação, de heroísmo e trabalho duro; de espírito de família; modelos de fé, esperança e amor; companheiros maravilhosos em comunidade; pessoas simples e práticas, com os pés na terra... Hoje nos damos conta de que, além disso, houve abusadores, isto é, criminosos, e de que alguns líderes, no passado, apesar de conhecer essas situações, falharam em não agir de maneira apropriada conforme a lei e segundo o evangelho. Construía-se um véu de silêncio protetor perante os casos de abuso para proteger a vocação de quem havia cometido o delito e a reputação da instituição. As vítimas eram animadas a permanecer em silêncio, e se assumia que eram capazes de levar adiante suas vidas, sem maiores consequências.

Hoje sabemos que os abusos tiveram e têm efeitos devastadores nas vítimas, feridas profundamente, muitas vezes para toda a vida. Em 2 de janeiro de 2017, ao completar-se o bicentenário de nossa fundação, pedi perdão publicamente às vítimas de abusos em nossas instituições, porque *nem sempre agimos com a delicadeza, rapidez e firmeza que essas situações pediam, ou talvez não fizemos suficiente esforço de prevenção*. Coletivamente tenho-o feito outra vez, ao iniciar este Capítulo Geral. Sabemos, porém, que **não basta pedir perdão**. Se, no pasado, falhamos para com as vítimas e a sociedade, hoje deveríamos ser reconhecidos como **especialmente comprometidos** na luta contra essa mancha social, começando com nossas próprias instituições, mas não só.

Temos que aprender com nossos erros. *Nós concordamos em suportar o fardo e a graça do nosso pasado. Aceitamos honrar o que é, incluindo até as coisas quebradas da vida: nós mesmos, igreja, estado e todas as instituições. Seu lado sombrio é um professor necessário.* (Richard Rohr)

Hoje, todas as nossas Unidades Administrativas dispõem de políticas e protocolos de prevenção de abusos de menores em nossas instituições. Em quase todas dispomos de pessoas e/ou equipes responsáveis para acompanhar esse tema. Em nível global, fizemos um esforço importante de formação e acompanhamento. Creio, porém, que temos que **ir muito além** do cumprimento mínimo.

Bertolt Brecht convidava o homem contemporâneo à vigilância democrática, porque *a matriz que pariu aquele monstro ainda está viva*. Brecht falava da ditadura como de um monstro; de maneira semelhante, creio que nós necessitamos de perguntar-nos, com toda a seriedade, *se a matriz que pariu o monstro do abuso ainda está viva*.

A Comissão pré-capitular sobre a proteção de menores nos apresentou seu informe, em que se enfatizam alguns aspectos, e depois se oferecem princípios e recomendações convidando para que o tema seja uma prioridade para o Instituto; sublinhando a responsabilidade das pessoas envolvidas em obras maristas e convidando à formação inicial e permanente; fala-se do empoderamento de crianças e jovens, e se oferecem recomendações de atuação em caso de alguma situação de abuso. Além de fazer minhas as propostas da Comissão, atrevo-me a sugerir alguma iniciativa a mais, que possa complementá-las:

- Que, como Instituto, **se estudem em profundidade as possíveis causas** que originaram e permitiram as situações de abuso que se deram, em alguns lugares com cifras alarmantes. Esse estudo poderia incluir recomendações para o futuro, a partir de nossa própria experiência.

- Que a FMSI, em nome do Instituto, siga fortemente comprometida na defesa dos direitos das crianças, promovendo, de maneira particular, a prevenção de qualquer caso de abuso e a sensibilização da sociedade nesse tema. Creio que, em todos os países onde estamos presentes, deveríamos estar **ativa e efetivamente comprometidos** em erradicar essa praga social.

Finalmente, gostaria de sublinhar a importância de colaborar braço a braço, de maneira transparente, com as instituições públicas que procuram o bem-estar das crianças e dos jovens e a erradicação do abuso sexual. Nesse sentido, me impressionaram as palavras de Dom Timothy Costelloe, SDB, arcebispo de Perth (Austrália), a propósito da dolorosa experiência vivida durante as investigações da *Comissão Real sobre Respostas Institucionais ao Abuso Sexual Infantil*. Dizia assim, em sua carta pastoral de fevereiro de 2017: *Estou convencido de que, sem esta contabilidade pública, a que a comunidade australiana têm direito, nós, como Igreja, não teríamos podido enfrentar nossas falhas tão diretamente. O interesse público foi bem servido por este exercício.*

E terminava dizendo: *Agora toda a comunidade, incluindo os membros de nossa própria Igreja, espera **ações concretas** que demonstrem a autenticidade de nossas palavras de desculpas, contrição e vergonha.*

Dançando com dinossauros

Na minha última carta aos provinciais, fazia referência ao livro *Dançando com dinossauros*, escrito pelo beneditino Mark Patrick Hederman. Surpreendentemente, o subtítulo do livro é: *Uma espiritualidade para o século XXI...* Que têm a ver os dinossauros com a espiritualidade, especialmente com a espiritualidade do futuro?

O autor recorda, nesse livro, que os dinossauros foram os animais que tiveram mais êxito entre todos os que habitaram este planeta, já que foram os dominantes durante mais de 160 milhões de anos, até desaparecerem, faz uns 65 milhões de anos. Os outros animais tiveram que aprender a viver com eles e a sobreviver apesar deles.

Hederman sustenta que hoje criamos *novos dinossauros*: Igrejas, Bancos, multinacionais... E, a menos que as organizações não se convertam em dinossauros, não sobreviverão às vicissitudes da História. Portanto, melhor aprender a dançar com eles, de maneira que não nos destruam!

Se contemplarmos a história do Instituto ao longo de seus 200 anos, poderíamos dizer que se converteu **num pequeno dinossauro**: o que começou de maneira muito simples em La Valla, se tornou cada dia mais complexo, de modo particular naqueles lugares onde estivemos mais tempo presentes. As obras educativas se multiplicaram e sua gestão e direção se tornou mais sofisticada e exigente; o número de Irmãos diminuiu, em geral, e cresce continuamente o número de leigas e leigos presentes em nossas obras; a manutenção econômica de todos esses serviços se converteu numa importante pressão para os responsáveis provinciais... e assim poderíamos seguir com uma longa enumeração de fatores que descrevem a complexidade do momento atual.

Quando percebemos essa complexidade, a tentação é ignorá-la e continuar agindo como sempre, isto é, quando as coisas eram muito mais simples, ou bem pôr-se a gerir essa complexidade sem preparação nenhuma, como se a profissão religiosa nos capacitasse automaticamente para o mundo profissional. Em ambos os casos, **o dinossauro produz vítimas**, frequentemente entre Irmãos jovens.

Trata-se então de renunciar à complexidade? Não necessariamente; trata-se, sobretudo, de aprender a *dançar* com essa complexidade. De toda a maneira, não creio que isso tenha que ser feito a qualquer preço. Se as estruturas-dinossauro que criamos vão deixando continuamente vítimas ao longo do caminho... chega um momento em que teremos que perguntar-nos se nossas estruturas estão a serviço da vida e da missão marista, ou se, pelo contrário, nossas maiores e melhores energias estão sendo consumidas pela manutenção e gestão das estruturas. E se, finalmente, tivermos que reconhecer que somos incapazes de *dançar* adequadamente com esse dinossauro, então precisaremos buscar um companheiro de dança mais adaptado às nossas possibilidades.

Fomos nos adaptando a essa nova realidade como pudemos, e com maior ou menor êxito, dependendo de lugares. Mas temos de reconhecer que **os próximos anos serão decisivos para a continuidade da missão marista**. Os Irmãos são hoje uma minoria em nossas obras educativas, e essa realidade continuará acentuando-se nos próximos oito anos. Impõe-se, portanto, de maneira absolutamente inevitável, um modo diferente de organizar-nos, assim como de gerenciar e acompanhar a missão marista.

De fato, o projeto denominado *Novos modelos* nasceu com essa finalidade, impulsionado por nossas limitações nessa área, porém, sobretudo, pelos valores que professamos, entre os quais o da corresponsabilidade com o laicato marista. Esse projeto nos ajudou a dar os primeiros passos no sentido de agir como um corpo global a serviço da missão, mas creio que é preciso **seguir avançando com audácia e criatividade** para dotar-nos das estruturas mais adequadas para o momento histórico que estamos vivendo. Estruturas talvez complexas, mas que deveriam experimentar-se como *leves* por parte de quem está em serviços de liderança.

Naturalmente, tudo isso não exclui a **destruição criadora** a que aludimos no início, se é por aí que nos leva o Espírito de Deus. Como dizia antes, *é preciso ter a valentia de repensar, renovar e, inclusive, desmantelar as formas organizativas que criamos, para gozar da liberdade de pôr-se a caminho para novas terras*.

Para vinho novo, odres novos

No informe que o Ir. Charles Raphael oferecia aos capitulares, faz exatamente 50 anos, dizia que, a 1º de janeiro de 1967, o número de Irmãos era de 9.704; 937 mais que em 1958, ano do Capítulo Geral prévio. Dizia também que a média de idade do Instituto era de 39,7 (37,8 em 1958).

Encontrarão estatísticas atualizadas para o dia de hoje entre os documentos de consulta que estão à sua disposição no sistema informático do Capítulo. Ali poderão comprovar que somos 1/3 do número de Irmãos de 1967, isto é, 6.719 a menos que há 50 anos, e com uma média de idade de 64,9.

Recordo que, durante o Capítulo Geral de 1993, foi oferecido aos participantes um estudo estatístico bem completo sobre o Instituto. Surpreendeu-me a reação de um bom grupo de capitulares que se queixavam dessa informação porque, diziam, tudo isso só gerava desalento. Será, portanto, preferível ignorar a realidade... simplesmente porque nos desanima?

Naquele momento, não soube processar muito bem essa reação perante os dados objetivos. Mas hoje me faz pensar no grande valor que se dava (e que talvez ainda

damos) *ao quantitativo* na vida religiosa e, mais importante ainda, na imagem de vida religiosa que reflete essa mentalidade.

Nos últimos 50 anos mudamos muito como Instituto. Tanto, que se um capitular de 67 aparecesse nesta sala hoje, talvez poderia pensar que se trata de outra congregação e não dos Irmãos Maristas. Sim, mudamos muito. Mas me pergunto se muitas das antigas imagens sobre a vida religiosa e sobre a nossa identidade na Igreja não continuam ancoradas nostalgicamente em nossos cérebros, até de maneira inconsciente.

Em bastantes casos, apesar da diminuição numérica, os Irmãos continuaram vivendo em meio de estruturas pensadas para os anos 60 ou antes, e não me parece que isso nos tenha ajudado a compreender a nova realidade, nem a adaptar-nos a ela. Se a reflexão teológica se atualizou e nos ajudou a entender de maneira nova todo o nosso entorno do dia a dia, em muitos casos, **nos ancorou no passado** mais que no futuro.

Pergunto-me se nossa formação inicial não foi, de algum modo, um reflexo do que ocorreu em nossas comunidades? É verdade que, buscando adaptar-se aos novos contextos, a formação foi mudando com o passar dos anos. Mas frequentemente com estruturas do passado e, muitas vezes, adotando programas, estruturas ou experiências que duraram bem poucos anos.

Tivemos, nos diversos continentes, sem exceção, excelentes Irmãos que deram o melhor de si mesmos na formação de nossos candidatos, com generosidade e entrega notáveis. Irmãos que, inclusive no meio da confusão reinante, às apalpadelas, ofereceram o que consideravam mais adequado para formar o Irmão Marista do futuro. E não falo em abstrato, porque eu mesmo fui um desses formadores no século passado...

Seguramente que hoje, com a experiência destes últimos anos, estamos em melhores condições para **tomar decisões** sobre a formação inicial que queremos e como a queremos.

O ponto de partida, naturalmente, tem que ser o perfil de Irmão Marista que imaginamos para o futuro. Durante a Conferência Geral de 2013, em ND de l'Hermitage, creio que já fizemos uma reflexão muito interessante de aprofundamento, mas, como sabemos, a Conferência Geral não tem a autoridade de que dispõe este Capítulo. Poderiam, agora, ser consideradas novamente algumas das proposições feitas então?

Olhando o trabalho que fizemos durante a Conferência Geral e também o que se realizou durante o Colóquio sobre a formação inicial de 2015, quero recordar algumas perguntas que ainda esperam resposta:

- Se pensamos que o Irmão Marista é alguém com disponibilidade global, *um Irmão para o mundo*: de que programas e casas de formação precisamos? Aceitaríamos que os Irmãos fossem enviados em missão pelo Superior-Geral depois da profissão perpétua?
- Se somos chamados a ser *místicos e profetas*: que *processo de iniciação* se requer?
- Se imaginamos nosso futuro vinculado a leigos e leigas maristas: que consequências isso tem em nossa formação?
- Se cremos que a Pastoral Juvenil Marista é um meio privilegiado para promover vocações para a Igreja, por que em algumas UA não é ainda uma prioridade?
- Como podemos melhorar o processo de seleção de candidatos, especialmente onde existem em maior número?

- Como seriam o acompanhamento e o cuidado de nossos Irmãos na segunda etapa do pós-noviciado, se realmente levássemos a sério esse acompanhamento?
- Não seria agora o momento adequado para repensar toda a formação, desde a inicial até a permanente, à luz da experiência dos últimos anos e o perfil de Irmão Marista que desejamos?

Ser marista leigo

Encontramo-nos num momento muito importante da história da Igreja, um momento de renascimento, uma volta ao estilo da primitiva Igreja, quando os leigos desempenhavam um papel total na missão. Uma de nossas prioridades agora consiste em promover esse renascer com delicadeza, coragem e visão. Se não o fizermos, estaremos diminuindo a Igreja do futuro, a Igreja, o Povo de Deus, o Corpo de Cristo... tudo o que amamos.

Quando o Ir. Charles Howard escrevia essas palavras na Circular sobre o Movimento Champagnat da Família Marista, no ano de 1991, apenas contávamos com grupos leigos maristas organizados. Hoje, 26 anos depois, há mais de 5.000 leigos e leigas participando em algum tipo de agrupamento marista. 3.526 pessoas pertencem ao Movimento Champagnat, agrupadas em 266 fraternidades, e o restante participa em comunidades mistas (leigos/Irmãos), comunidades leigas ou outro tipo de grupos ou associações maristas.

Ao mesmo tempo, foi se recolhendo e elaborando a experiência vivida pelo laicato marista por meio de diversos documentos, alguns deles de grande qualidade. O último nos é oferecido pelo Secretariado de Leigos do Instituto e que encontramos disponível no sistema informático do Capítulo: *Ser marista leigo*. Creio que é um excelente marco de referência para a identidade do marista leigo que se sente chamado a viver o carisma marista no meio do mundo. Pode converter-se, se assim quisermos, **num grande apoio** para todas as Unidades Administrativas, especialmente ali onde o desenvolvimento do laicato é menor.

De toda a maneira, creio que estamos bem conscientes de que não são os documentos, por mais bonitos e profundos que sejam, os que nos farão avançar juntos. Repetir frases feitas ou belas declarações de intenções de nada serve, se depois não colocamos os meios para que os ideais se tornem realidade. O Papa Francisco, gracejava, a este respeito, numa carta escrita ao Cardeal Ouellet (2016), como presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina (CAL). Dizia-lhe que não são slogans ou belas frases que irão sustentar a vida das comunidades, e acrescentava: *Por exemplo, recordo agora a famosa expressão: "é a hora dos leigos", mas pareceria que o relógio está parado...*

Se olharmos para trás, o que é que nos fez avançar em relação ao laicato marista para estarmos, hoje, onde estamos? Embora certamente possamos identificar vários elementos, eu quero sublinhar a enorme importância **das relações pessoais**. Tanto os Irmãos quanto os leigos, temos muitos fantasmas e suposições em nossas mentes, e a experiência nos diz que eles se evaporam quando nos sentamos para partilhar vida e fé. É preciso, portanto, continuar com audácia, **abrindo espaços de diálogo e encontro**, que nos façam crescer mutuamente. A partir daí, ainda há muitos passos a dar, mas serão dados facilmente. O caminho continua aberto, e tenho certeza de que o Espírito nos prepara surpresas mais maravilhosas, à medida que vamos avançando.

O que é o Senhor nos está dizendo através da experiência destes últimos anos? Para mim, creio que nos recorda, alto e bom som, que Ele está por detrás desta evolução do laicato marista e sua conexão com o Instituto. E que este processo **não tem volta**. Que não deve voltar atrás. Já não podemos imaginar o futuro da vida e da missão maristas sem contar com o laicato.

Cada Unidade Administrativa, portanto, a partir do ponto em que se encontra, deveria perguntar-se qual é o passo seguinte que deve dar? Em alguns casos haverá que pôr bases firmes para um adequado desenvolvimento do laicato marista; em outros, talvez se trate de levar a cabo algumas primeiras iniciativas; em outros, de enfrentar com valentia e transparência os conflitos próprios de toda a relação entre pessoas; em outros, quiçá, de consolidar relações e formas organizativas mais adequadas para o futuro...

Em qualquer caso, contamos com a dádiva da experiência dos que abriram caminho, assim como das boas práticas que podemos partilhar, de maneira fraternal.

Damos graças de coração ao Senhor e a nossa Boa Mãe porque nos abençoaram com o regalo de um laicato marista não só numeroso, mas de grande qualidade, como podemos comprovar com os leigos e leigas que nos acompanham estes dias. Creio, porém, que continua tendo uma grande atualidade a urgente tarefa que nos confiava o Ir. Charles Howard em 1991: **continuar promovendo *esse renascer com delicadeza, coragem e visão***.

Sabemos que a profecia é a outra face da mística. Peço ao Espírito, com as palavras de Moisés, o dom da profecia para todos nós, que se traduza em discernimento, sabedoria, audácia: *Oxalá todo o povo de Javé fosse profeta e recebesse o espírito de Javé!* (Nm 11, 29).

A Igreja, as crianças e os jovens esperam de nós respostas criativas e valentes, convencidos de que há uma verdade profunda naquilo que dizia Santa Catarina de Siena: *Se sois o que deveis ser, ateareis fogo no mundo inteiro!*